

GAZETA MERCANTIL

O patriotismo é a prioridade número um no Brasil

Herbert Levy *



A Argentina oferece uma história contemporânea que deve ser sempre relembrada. Ao cair presa do peronismo, o país era a 5^a economia do mundo, hoje é a 47^a. O peronismo era a expressão da demagogia e da irresponsabilidade no governo, acrescentadas pela corrupção em todos os setores.

Peron sufocou-se em sua própria crise e foi derrubado pelas Forças Armadas. Seguiram-se governos militares, com um curto período do presidente civil Arturo Frondizi, que não chegou a concluir seu mandato. Os governos militares empenharam-se em restabelecer o senso de responsabilidade na administração. Mas a incompetência e a corrupção caracterizaram sua atuação, com duas honrosas e curtas exceções nesses quarenta anos.

No governo militar que antecedeu a eleição democrática do presidente Raúl Alfonsín, presidido pelo general Jorge Videla, o Ministério da Economia foi exercido por um homem de uma das famílias mais tradicionais e respeitadas da Argentina, Martinez de Hoz. Mas, infelizmente, não houve a esperada recuperação moral. Pelo contrário, fatos extremamente graves ocorreram em relação à dívida externa contraída pelo governo com os banqueiros estrangeiros. Muitos bilhões de dólares da dívida assumida pelo país foram adquiridos livremente por particulares que os depositaram em sua conta pessoal no exterior. É um fato, ao que parece, sem exemplo. Nem mesmo no México, onde a corrupção era institucionalizada, ocorreu nada de parecido. Assim, o ônus da dívida ficou com a nação, e os dólares, depositados nas contas particulares, não proporcionaram os benefícios que os investimentos públicos trariam à economia argentina.

Minha esposa e eu gostamos da Argentina e temos amigos lá que sentem, na carne, o grande empobrecimento do país. Em começos de 89 estávamos em Buenos Aires quando o jornal La Nación divulgou dados sobre a economia no ano de 1989 — queda de 8,6% no produto interno bruto. Com isso, o PIB argentino equiparou-se ao de 1969. Um retrocesso de 20 anos!

Martinez de Hoz também supriu as tarifas de importação dos produtos in-

dustriais. Mas, sem a contrapartida de investimentos e importação maciça de tecnologia, quase toda a indústria argentina arruinou-se, arruinando a rede bancária, que teve de amparar-se no governo para não falir. Por isso não produzem efeito as medidas, mesmo corretas, que surpreendentemente foram tomadas pelo governo de Carlos Menem, que identificou bem os males do peronismo e o repudiou, adotando medidas ortodoxas, inspiradas por ministros que são líderes empresariais.

Estas não produzem o efeito desejado porque encontram o organismo da nação profundamente combatido.

E os atrativos para tentar fazer com que os detentores de dólares lá fora os repatriem para fortalecer a economia argentina não produzem efeito. Os dólares que endividaram a nação e não a beneficiaram continuam depositados nas contas particulares.

Assim, a Argentina está pagando um alto preço porque o patriotismo transformou-se em mercadoria escassa.

A situação no Brasil é, felizmente, bem melhor. Porque mesmo no meio da crise inflacionária, provocada principalmente pelo aumento irresponsável de gastos no orçamento do pessoal da União, que não permite corrigir o déficit público, o Produto Interno Bruto cresceu 3,6% em 1989 e as empresas, de um modo geral, apresentam bons lucros em seu balanço.

Mas aqui também ocorre, com excessiva freqüência, a ausência de espírito público, dominando a ganância e o interesse pessoal. Por isso também é inoperante o combate à miséria, que se impõe como condição de decência para o Brasil se apresentar aos olhos do mundo.

O que ocorre nos últimos dias, os aumentos exagerados de preços, muito acima da inflação, é um exemplo de falta de espírito público, isto é, de patriotismo. E por isso que a decisão do presidente Fernando Collor, de concentrar nas mãos do chefe de Polícia a direção da Receita Federal e da Sunab, se foi surpreendente num primeiro momento, não chegou a chocar a comunidade econômica. Vamos fazer votos para que a prioridade número 1, o patriotismo, esteja de volta e torne desnecessárias as medidas de autoridade, às quais o governo pretende recorrer em último caso.

* Presidente do Conselho de Administração e diretor responsável da Gazeta Mercantil.